

# Brasil tentará reduzir

O ministro Maílson da Nóbrega acredita que em três anos a dívida

## metade da dívida

brasileira ficará 50% menor, graças ao Plano Brady.

*B. Verão*

O Brasil deverá ser um dos primeiros países a entrar no programa de redução da dívida, e tentará cortar, até 1991, US\$ 41 bilhões do total de US\$ 82 bilhões que deve aos bancos comerciais. A informação foi dada ontem em Washington pelo ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, no saguão do prédio do Fundo Monetário Internacional. Segundo o ministro, o secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, lhe deu garantias de que o Brasil será um dos primeiros da lista, a ser conhecida ainda neste ano. O ministro se encontra nos EUA para a reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial.

Maílson foi recebido pelo secretário Brady na manhã de ontem, e gostou do encontro. Na saída, perguntado se a redução da dívida ficaria nos 20%, respondeu: "Não temos compromisso com nenhuma cifra, com nenhuma porcentagem. A nossa idéia é a de começar a trabalhar, imediatamente, com o objetivo de encontrar mecanismos para a redução rápida da dívida ainda este ano".

O ministro preferiu ser genérico, indicando que pretendia uma redução de "grande magnitude", ou "o máximo que for possível". Mais tarde, acrescentou que "o Brasil acha que há espaço dentro do esquema de redução da dívida para situar nosso endividamento externo, em três anos, na metade do que ele é hoje".

### Sem comentários

Segundo o nosso correspondente Moisés Rabinovici, Maílson da Nóbrega não quis falar ontem de suas críticas ao Congresso, apontando como culpado pelos "insucessos econômicos". Aliás, nem mesmo o Plano Verão foi discutido pelo ministro com o secretário Brady. "Fiz apenas uma exposição genérica sobre o esforço que o País está desenvolvendo para reduzir os desequilíbrios de sua economia", disse Maílson.

A redução da dívida, de acordo com o ministro, utilizará outros mecanismos além dos previstos pelo acordo do Brasil com seus credores, que são considerados avançados. Segundo Maílson "o Brasil vai trabalhar para que possa obter os primeiros resultados do programa de redução da dívida no segundo semestre".

A sua primeira reação ao en-

doso dos países mais ricos do mundo ao Plano Brady foi cautelosa: "Ainda não li o comunicado final, mas até onde sei, à parte algumas dúvidas sobre a redução do serviço da dívida (feitas por países europeus), houve um apoio geral. Um bom passo".

No discurso ao comitê interno, o ministro apresentou um balanço do Plano Verão. "Os primeiros resultados do programa foram encorajadores. A inflação baixou drasticamente. Deveremos manter e reforçar o nosso programa de ajustamento sempre que necessário", disse Maílson.

Num segundo discurso, ele criticou a comunidade financeira internacional, "por não corresponder aos nossos esforços". "Os desembolsos dos bancos privados para o Brasil se destinaram até agora apenas ao pagamento dos atrasados acumulados até 1987", reclamou o ministro da Fazenda.

### Mais apoio

A iniciativa norte-americana de reduzir a dívida externa dos países do Terceiro Mundo recebeu ontem o apoio do Grupo dos Dez, um dia depois de ter recebido o "amplo respaldo" do Grupo dos Sete. O G-10 é formado, na verdade, por 11 países, entre os quais aqueles que integram o G-7: EUA, Japão, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Canadá, França e Itália, além de Bélgica, Holanda, Suécia e Suíça.

Ontem, um informe do FMI divulgou que "os novos planos para reduzir a carga da dívida do Terceiro Mundo poderão ser viáveis unicamente se os países em desenvolvimento colocarem suas economias em ordem". No primeiro dia da reunião conjunta FMI/Bird, o secretário Brady declarou que nos países ricos são "essenciais" importantes reformas "estruturais e macroeconómicas" para a solução do problema.

Segundo Nicholas Brady, os países industrializados "deveriam rever seus respectivos regimes legais, contábeis e tributários, com o objetivo de reduzir impedimentos à redução da dívida e ao serviço da dívida". Já o FMI, em seu informe, é de opinião que "a contribuição mais substancial a uma estratégia fortalecida da dívida terá de vir das próprias nações devedoras".